Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Trégua prorrogada e mais 11 reféns soltos

LIBERTAÇÃO DO QUARTO GRUPO DE **CAPTURADOS PELO HAMAS** OCORREU NO FIM DA NOITE, HORAS DEPOIS DE O CATAR ANUNCIAR A EXTENSÃO DO **CESSAR-FOGO** ENTRE ISRAEL E O MOVIMENTO TERRORISTA. NA CONTRAPARTIDA, 33 PRESOS PALESTINOS VOLTARAM PARA CASA

Principal mediador entre Israel e Hamas, o Catar anunciou ontem uma prorrogação, por dois dias, da trégua em vigor na Faixa de Gaza, iniciada na última sexta-feira e marcada para terminar hoje. Confirmada pelo grupo terrorista islâmico, mas não pelo governo de Benjamin Netanyahu, a extensão do cessar-fogo foi divulgada horas antes da libertação do quarto grupo de 11 reféns mantidos no enclave palestino desde o ataque ao território israelense, há 52 dias.

A "troca" dos reféns — todos moradores do kibbutz Nir Oz — por 33 prisioneiros palestinos foi precedida por momentos de tensão, que ameaçaram a conclusão. O impasse ocorreu depois que os dois lados questionaram o sistema adotado. Enquanto Israel acusou o Hamas de separar mães e filhos, o grupo terrorista cobrou que fosse observado um critério de antiguidade na soltura dos presos palestinos. A situação foi resolvida, mais uma vez, com a mediação de Egito e Catar.

A lista de reféns libertados incluiu três cidadãos franceses, dois alemães e seis argentinos, com dupla nacionalidade. Estima-se que mais de 80 pessoas tenham sido levadas do kibutz Nir Oz em 7 de outubro. Pelo menos 30 teriam sido mortas no ataque. "Há um grande suspiro de alívio no kibbutz esta noite, mas, ao mesmo tempo, uma enorme preocupação com nossos entes queridos que ainda estão no cativeiro do Hamas", disse Osnat Peri, chefe da comunidade.

Entre os liberados ontem estavam Sharon Konio, 34 anos, e suas filhas gêmeas Emma e Yuly, de 3. O pai das crianças, David, 33, permanece no cativeiro. Karina Engel, 51, foi liberada com as duas filhas, Mika, 18, e Yuval, 11. O marido de Karina, Ronen Engel, permanece no cativeiro.

Completaram a lista cinco adolescentes. Os irmãos Or e Yagil Yaakov, de 16 e 13 anos, respectivamente, estavam em casa quando foram capturados. Sahar, 16, e Erez Kalderon, 12, também irmãos, ganharam a liberdade, mas o pai continua nas mãos dos terroristas — a mãe deles, Hadar, tornou-se uma das vozes mais ativas na pressão ao governo de Netanyahu pela libertação dos reféns. Por último, Eitan Yahalomi, 12, igualmente sequestrado ao lado do pai, que não foi solto.

Do lado palestino, conforme o Catar, o acordo beneficiou ontem 30 menores de idade e três mulheres. O acerto em vigor desde a sexta-feira passada prevê a libertação de três palestinos presos por cada refém mantido pelos radicais islâmicos.

AFP

Observados por extremistas, integrantes da Cruz Vermelha carregam as gêmeas Emma e Yuli, de 3 anos, liberadas ontem à noite com a mãe, Sharon: mais 20 capturados devem ser soltos entre hoje e quinta-feira

AFP

Adolescentes caminham até o carro que os levou da Faixa de Gaza

Sob pressão

Pela prorrogação da trégua, haverá novas libertações de reféns e prisioneiros. Antes mesmo de confirmar a extensão do cessar-fogo, o Hamas disse que estava preparando uma lista com nomes de quem seria solto — o compromisso é libertar mais 20 mulheres e crianças entre hoje e amanhã. Israel, porém, não confirmou o acerto.

Um porta-voz do governo israelense informou que o país havia proposto "uma opção" para estender a suspensão temporária das hostilidades e receber "50 reféns adicionais". Por sua vez, o porta-voz das Forças Armadas, Daniel Hagari, observou que a dilatação do prazo "não é uma decisão final" até que comece de fato.

O fato é que a pressão internacional para prorrogação da trégua só aumenta. A União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) reforçaram, ontem, a pressão para prolongar o cessar-fogo, depois de o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ter feito o mesmo. "Peço uma extensão da pausa que permitirá trazer o alívio que o povo de Gaza tanto necessita, e a liberação de mais reféns", disse Jens Stoltenberg, secretário-geral da Otan.

Mesmo sem uma declaração de Israel, Washington elogiou a prorrogação. "É claro que saudamos o anúncio", declarou à imprensa o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby. "Esperamos que a pausa se prolongue mais, e isso dependerá de o Hamas continuar libertando reféns", assinalou.

A opinião pública israelense, traumatizada pelo ataque sem precedentes perpetrado pelo Hamas em outubro, cobra do governo ações que garantam mais libertações. No domingo, o primeiro-ministro israelense reiterou a Joe Biden que, finalizado o período de trégua, voltará ao seu objetivo de "eliminar o Hamas". Ontem, Netanyahu destacou que solicitará um "orçamento de guerra" de 30 bilhões de shekels (em torno de R$ 39 bilhões de reais).

» Musk visita kibutz atacado

Criticado por uma proliferação de discursos de ódio na rede social X, o antigo Twitter, desde que tomou o controle da companhia, o bilionário Elon Musk esteve ontem em Israel, onde foi recebido pelo presidente Isaac Herzog e visitou, ao lado do premiê Benjamin Netanyahu, um dos kibutz atacados pelo Hamas em 7 de outubro. Herzog ressaltou que Musk tem um "enorme papel" na luta contra o antissemitismo. "O ódio aos judeus impacta no comportamento dos seres humanos em muitos lugares do mundo", destacou o presidente.

Na Cisjordânia ocupada, o Fatah perde espaço

Tradicional reduto do movimento Fatah, do presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, a Cisjordânia ocupada vê, aos poucos, aumentar a simpatia ao seu rival Hamas, que controla a Faixa de Gaza desde 2007. Ao negociar a troca de prisioneiros palestinos por reféns israelenses, o grupo terrorista islâmico vem aumentando a popularidade na região. Ontem à noite, bandeiras verdes do Hamas tremulavam perto das amarelas do Fatah, enquanto palestinos aguardavam a chegada de mais uma leva de prisioneiros libertados.

Ao lado dos filhos, Ahmed Abdelaziz, de 63 anos, esperava os 39 presos soltos no último domingo, em Ramallah. "Estou aqui por solidariedade e aprecio o que o Hamas fez: ver os jovens saírem da prisão graças à resistência me dá alegria", disse à agência de notícias France Presse (AFP). "A alegria das famílias dos prisioneiros, a mobilização do povo, tudo isso me leva a apoiar o Hamas", acrescentou.

Ali perto, uma multidão carregava os libertados nos ombros. Muitos erguiam bandeiras verdes e pediam orações para que "Deus fortaleça a resistência", uma referência ao Hamas e a outros grupos armados do território palestino.

Na entrada de Ramallah, cidade sede da Autoridade Palestina, a multidão também era só elogios ao grupo islâmico. "Dizem que o Hamas é terrorista. Todo o povo está com o Hamas", gritavam alguns deles. O movimento é considerado "terrorista" por Estados Unidos, União Europeia e Israel.

Na vizinha Al Bireh, governada por um funcionário eleito do Hamas, que preso por Israel no início da guerra, as bandeiras amarelas do Fatah se sobressaíam. Porém, manifestantes já não escondiam simpatia ao movimento islâmico. No meio da comemoração, Tareq al-Omla ressaltou que o Hamas tem mais legitimidade do que o rival. "Não age por conta própria, mas pelo povo palestino que é atacado todos os dias por soldados e colonos israelenses", disse.

Para o cientista político Jihad Harb, as multidões agora saem "em massa" para "desafiar as autoridades israelenses, que não querem celebrações e atos de apoio à resistência palestina". Para ele, com a trégua prolongada, a popularidade do Hamas pode dobrar.

Sem a organização de eleições, os movimentos palestinos medem a sua popularidade com o apoio que têm nas ruas. As últimas eleições aconteceram em 2006. O Hamas venceu, mas o Fatah iniciou uma guerra fratricida com o movimento islamista. Desde então, um governa a Faixa de Gaza e o outro a Cisjordânia.

Jihad Harb assinalou que o Hamas não ganhou pontos apenas agora, mas também em um contexto de desenvolvimento da colonização, de ataques israelenses na Cisjordânia e de crescente normalização das relações entre os países árabes e Israel.

"Os prisioneiros sempre uniram os palestinos", afirmou Qaddura Fares, chefe da comissão de prisioneiros da Autoridade Palestina, à AFP. Ele, porém, evitou comentar o aumento da popularidade do Hamas.

AFP

Bandeiras verdes do Hamas em Ramallah após liberação de presos